

Resultados: Durante o período do estudo, 497 PVHA foram admitidas no PS do IIER, dos quais 74 (14,9%) foram incluídos. A idade mediana (IIQ) foi de 40 (30-48) anos com predomínio do sexo masculino (62%). As medianas (IIQ) da contagem de linfócitos T CD4 e da carga viral do HIV foram 43 (20-130) células/mL e 36.401 (457-288055) cópias/mL, respectivamente. As principais manifestações neurológicas foram cefaleia (41/74, 55,4%), alteração da consciência (35/74, 47,3%) e déficit motor focal (31/74, 41,9%). A criptococose foi a causa mais frequente de meningoencefalite (11/15, 73,3%). Cinco (39%) de 13 pacientes com criptococose do SNC tiveram coinfeções neurológicas. As prevalências de LFA positivo no sangue periférico (19/74) e de criptococose do SNC (13/74) foram de 25,7%; IC 95%, 15,5 a 40,1% e 17,6%; IC 95%, 9,4 a 30,0%, respectivamente. Entre os seis (8,1%) pacientes com LFA positivo no sangue periférico mas negativo no LCR, quatro (5,4%) apresentaram antigenemia criptocócica assintomática isolada, um (1,3%) foi classificado como antigenemia criptocócica sintomática e um (1,3%) apresentou criptococcemia. A mortalidade intra-hospitalar global foi de 20,3% (15/74).

Conclusão: As prevalências de antigenemia criptocócica e de criptococose do SNC, utilizando LFA no sangue periférico, foram elevadas. A criptococose foi a causa mais frequente de meningoencefalite e apresentou elevada mortalidade intrahospitalar.

Palavras-chave: Síndrome de imunodeficiência adquirida criptococose fluxograma neuroinfecção teste de fluxo lateral

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103044>

PREVALÊNCIA DE COMORBIDADES NÃO RELACIONADAS À AIDS E TÍPICAS DO ENVELHECIMENTO DE PACIENTES COM INFECÇÃO PELO HIV/AIDS DIAGNOSTICADOS HÁ 20 ANOS OU MAIS E EM USO PROLONGADO DE ANTIRRETROVIRAIS

Laura Beatriz de Camargo Vicioli*,
Lenice do Rosário de Souza

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
(UNESP), Botucatu, SP, Brasil

Introdução/Objetivos: As pessoas que vivem com HIV diagnosticadas e tratadas em longo prazo podem apresentar uma série de complicações associadas ao seu envelhecimento precoce, incluindo alterações metabólicas, osteoarticulares, cardiovasculares e neoplásicas. O principal objetivo do estudo foi avaliar a ocorrência de comorbidades não relacionadas à aids e típicas do envelhecimento de pessoas que vivem com HIV diagnosticadas há 20 anos ou mais e em uso prolongado de antirretrovirais. Os objetivos específicos foram comparar pessoas com diagnóstico há 20 anos ou mais, em uso prolongado de antirretrovirais com aquelas com diagnóstico mais recente e tempo de tratamento mais curto e com a mesma faixa em relação ao risco de comorbidades, além de estudar a ocorrência de doenças cardiovasculares, metabólicas, ósseas e neoplásicas.

Métodos: Tratou-se de estudo de coorte retrospectiva, em que foram estudadas 160 pessoas que vivem com HIV, divididas em dois grupos, G1, com 63 pessoas com diagnóstico da

infecção pelo HIV há mais de 20 anos e G2, composto por 97 pessoas com diagnóstico da infecção entre dois e cinco anos, atendidos no Serviço de Ambulatórios Especializados de Infectologia Domingos Alves Meira, do complexo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu.

Resultados: Com base nos resultados encontrados, foi possível observar predomínio de risco cardiovascular, dislipidemia e alterações ósseas no G1, quando comparado às variáveis grupos e tempo de tratamento ($p < 0,03$). Nas associações entre mesma faixa etária no G1 e G2 em relação ao risco das comorbidades estudadas, houve predomínio de alterações metabólicas, nas faixas de 50 a 60 anos e 60 anos ou mais ($p < 0,003$).

Conclusão: Concluiu-se que houve risco mais elevado de comorbidades associadas a pessoas que vivem com HIV há mais de 20 anos, porém o tempo de tratamento não necessariamente influenciou nesse risco.

Palavras-chave: HIV células TCD4+ comorbidades envelhecimento

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103045>

PREVALÊNCIA DE DOENÇAS OPORTUNISTAS EM PACIENTES HIV EM UM HOSPITAL DO EXTREMO NORTE DO PAÍS

Gabrielle Soares Fonetenele^{a,*},
Amanda Carolina Nunes Carvalho^a,
Nayara Melo Albuquerque^b,
Emanuelle Soares Fontenele^a,
Írian dos Santos Soares^a,
Kiara Cristhina Torres Cardenas^b

^a Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista, RR, Brasil;

^b Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, RR, Brasil

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana (HIV) continua sendo um problema de saúde pública do Brasil, apesar da introdução da terapia antirretroviral (TARV) e do manejo profilático das infecções oportunistas. Neste cenário, praticamente toda mortalidade relacionada ao HIV é precedida por doenças oportunistas. Dessa forma, o objetivo desse estudo é avaliar a prevalência de doenças oportunistas, em pacientes com HIV internados no Hospital das Clínicas do estado de Roraima, a fim de fornecer resultados epidemiológicos que poderão ser utilizados para facilitar o diagnóstico e tratamento precoce.

Metodologia: Trata-se de um estudo epidemiológico, observacional e retrospectivo, onde foram extraídos os dados de 68 pacientes internados entre os meses julho de 2022 e julho de 2023, na enfermaria de Infectologia. As informações registradas incluíram pacientes com diagnóstico de HIV prévio ou na internação, contagem de células CD4, nacionalidade, infecção oportunista e desfecho. Para a pesquisa de literatura utilizou-se a plataforma Scielo e Pubmed e os seguintes descritores "HIV", "infecções oportunistas", "epidemiologia".

Resultados: Durante o seguimento, a tuberculose foi a infecção oportunista mais prevalente ($n = 20,6%$), sendo a